

OFICINA DE JORNALISMO E NOVAS TECNOLOGIAS: O APRENDER FAZENDO E O FAZER PARA APRENDER

MARCELLA CHARTIER MARTINS BITTENCOURT (COLÉGIO DANTE ALIGHIERI),
RENATA GUIMARÃES PASTORE (COLÉGIO DANTE ALIGHIERI).

Resumo

Com o objetivo de incrementar a formação dos alunos a partir dos 9os anos do Ensino Fundamental por meio da educomunicação, o projeto da Oficina de Jornalismo promove a produção de conteúdo informativo pelos alunos, em um processo ativo que remete ao conceito de heutagogia (heuta – auto, próprio – e agogos – guiar). Ele se refere ao estudo da auto-aprendizagem na perspectiva do conhecimento compartilhado. Trata-se de um conceito que “reconhece as experiências cotidianas como fonte de saber e incorpora a autodireção da aprendizagem com foco nas experiências” (Almeida, 2009). A comunicação é entendida, aqui, como “condição essencial e inerente a um autêntico processo educativo, um processo gerador de conhecimento” (Ismar Soares). Dessa forma, os alunos não apenas analisam e debatem a respeito da conduta da mídia, como participam dessa esfera da comunicação criando e refletindo sobre suas reportagens e artigos. São estimulados o senso crítico, a criatividade, o trabalho de campo – em grupo ou individual –, por meio do uso de uma variedade de meios hoje permitida pelas novas tecnologias (além da imprensa escrita, do rádio, da televisão e da internet, eles acessam e analisam o conteúdo de blogs e podcasts, entre outros), além de utilizarem o moodle (ambiente de ensino-aprendizagem a distância). Já são notados progressos em cada aluno em relação a esses estímulos. Neste momento, acaba de ser publicado o segundo número da Revista Foco, produzida pelos alunos, e estamos discutindo outros projetos com os novos participantes que se uniram ao grupo em 2009.

Palavras-chave:

Educomunicação, Heutagogia, Novas tecnologias.

Introdução

O estudo de veículos de comunicação e a criação de uma revista própria dos alunos são meios eficazes para estimular a escrita, a argumentação, o trabalho de campo (individual e em grupo), o senso crítico, a autonomia, a criatividade e a responsabilidade. Possibilita estabelecer uma série de conexões entre os conteúdos das diversas disciplinas do currículo escolar e os acontecimentos recentes, permitindo aos alunos conhecerem as aplicações práticas dos conceitos estudados.

A comunicação é entendida, aqui, como "condição essencial e inerente a um autêntico processo educativo, um processo gerador de conhecimento" (Soares, 2006). Os alunos não apenas analisam e debatem a respeito da conduta da mídia, como participam dessa esfera da comunicação criando e refletindo sobre suas reportagens e artigos.

É exercitado, nesse contexto, o protagonismo (Burd, 2004) em uma perspectiva de explicitar possibilidades de auto-aprendizagem e interaprendizagem dentro de um processo de construção colaborativa de conhecimento. Acreditamos, tal qual Bakhtin (1981), que o entrelaçamento entre o eu e outro no espaço/tempo se dá pela comunicação.

Utilizamos em larga escala uma variedade de meios hoje permitida pelas novas tecnologias: a mobilidade propiciada pelos netbooks (computadores de fácil portabilidade) a internet, principalmente na análise e produção de conteúdo de sites e blogs - e, futuramente, podcasts), além do moodle (ambiente de ensino-aprendizagem a distância).

Referencial Teórico

A relevância que se coloca neste projeto está diretamente relacionada às demandas educacionais da sociedade contemporânea - entre elas a conquista da cidadania - e o acesso à informação. Cabe aqui uma pergunta: se a informação e, conseqüentemente, o conhecimento advindo dela tende a crescer e, a este fato, não está atrelado o aumento de benefícios para a maioria das pessoas, quais serão as perspectivas futuras em relação à hegemonia do conhecimento/informação, para a sociedade em geral?

Em princípio, estas perspectivas não parecem boas; afinal "a sociedade informática não garante automaticamente o paraíso". (Schaff, 1995: 150)

Schaff anuncia que "em vista das alarmantes manifestações deste processo - o perigo da guerra, as depressões econômicas e o desemprego (...), as pessoas se vêem cada vez mais tomadas pelo pânico diante das respostas inseguras a esta pergunta." (Schaff, 1995: 15)

Há que se levar em consideração o fato de que todo o movimento que se tem feito para a modernização da economia tem refletido uma necessidade de uma preparação mais fina e especializada para o acesso aos "bons empregos". Para os excluídos desta preparação fina e especializada, restarão os empregos de terceira classe e renda de quarta. Por outro lado, há muita coisa por fazer; no dinamismo, na dialética da história, existirão, com certeza, brechas para um futuro, para um sonho possível e, quem sabe, pondo um ponto final nos nossos pesadelos.

Tomando como verdadeiro o fato que a tecnologia está começando a redefinir a maneira como o homem fala com seus semelhantes, como ele se comunica, o que ele sabe e o que ele é, é preciso redefinir este homem. Acreditamos que ele deverá ser, antes de tudo, feliz; comprometido com ideais, criativo, crítico, integrado no "espaço/tempo" virtual criado pela tecnologia, sem perder de vista soluções dos problemas relativos ao seu contexto. Ele deve dominar a tecnologia, tirar proveito dela, para "virar o jogo" a seu favor e a favor da sociedade em que está inserido, transformando o mundo concreto, social, individual e também o virtual; encontrando, por assim dizer, um caminho para a sua cidadania.

Essa perspectiva de homem descrita anteriormente vai ao encontro da imagem de homem descrita por Schaff; o *homo universalis*: "Homo universalis é aquele que está munido de uma instrução completa e em condições de mudar de profissão e, portanto, também de posição no interior da organização social do trabalho." (Schaff, 1995: 125)

Este *homo universalis* é também um *homo estudioso*, um homem que se apropria do conhecimento engendrado pela sociedade e que assim, pode resolver problemas de forma consistente, pragmática e inteligente, com consciência dos produtos de sua cultura e principalmente do seu poder de transformação.

Nosso projeto objetiva fazer parte do processo de construção desse *homo universalis*, tratando, também, de fazer com que os indivíduos exercitem a própria

cidadania, atuando diretamente na sociedade já no seu período de formação escolar.

A atuação dos alunos na Oficina de Jornalismo abarca um processo ativo que remete ao conceito de heutagogia (heuta - auto, próprio - e agogos - guiar). Ele se refere ao estudo da auto-aprendizagem na perspectiva do conhecimento compartilhado. Trata-se de um conceito que "reconhece as experiências cotidianas como fonte de saber e incorpora a autodireção da aprendizagem com foco nas experiências" (Almeida, 2009: 107).

É essencial, para tanto, porém, que haja uma orientação por parte dos professores, partindo não apenas de um embasamento bem estruturado, mas também "de modo que aquele compromisso com a construção do conhecimento por parte dos alunos se realizasse por meio de diálogos e interações mais autênticas, menos postizas ou artificiais" (Silva, 2004: 26).

Em uma relação em que há clareza nas posições e funções, mas também uma intensa troca de conhecimentos, professores e alunos exercitam a ZPD (Vygotky, 2003) e o dialogismo (Freire, 1986, 1988 e 1996). É incentivada a autonomia dos alunos, para que eles percebam que podem assumir responsabilidades e responder por seus atos principalmente quando atuam como repórteres; exploramos também as diferenças, por meio de uma diversidade de conteúdos de estudo sugeridos que promove uma visão mais ampla de mundo, uma valorização e um respeito a seus matizes.

Metodologia

Os temas dos encontros são planejados de acordo com o que mais interessa à turma, e são levados em consideração os conceitos e as técnicas que eles estejam para utilizar em sua revista, a *Foco*. Por exemplo, pouco antes de se iniciar o processo de produção da segunda edição da revista, na qual a reportagem de capa seria um exercício de jornalismo literário, os alunos conheceram o gênero e parte da obra de um de seus principais representantes, o jornalista estadunidense Gay Talese. Em seguida, já se sentiam aptos a realizar a matéria "Todos os caminhos de Manhattan", um perfil da cidade de Nova York vista pelos olhos de dois de nossos alunos-repórteres.

Além dos assuntos abordados nos encontros e dos exercícios realizados, a própria organização da revista também possui uma metodologia, que se assemelha à de revistas da imprensa, mas respeita o tempo de aprendizado.

A primeira etapa é a reunião de pauta, em que todo o grupo traz suas ideias, debatidas até que se defina o esqueleto da edição. É planejado, então, um cronograma de prazos para cada fase do processo: pré-apuração, apuração, redação, edição e revisão. Mesmo com a divisão de tarefas, todos participam de todas as fases, se não na mesma matéria, em reportagens ou em edições diferentes. E o material de cada etapa é repassado à jornalista, que sugere direções a serem seguidas e orienta os alunos que apresentam dificuldades. As professoras de Tecnologia também contribuem com essa etapa, o que facilita o atendimento quase exclusivo de cada aluno, já que a turma é pequena. É importante destacar que, apesar de serem utilizadas algumas regras do bom jornalismo, é incentivada a criatividade e a experimentação, para que o talento dos alunos não seja tolhido por um formato definitivo. Todas as versões finais dos textos são publicadas com a anuência dos alunos a respeito de qualquer alteração, para que se preserve um dos pilares desta oficina: a autoria.

O projeto também envolve, com cada vez mais detalhamento, outras áreas relacionadas ao jornalismo, como Fotojornalismo e Design Gráfico.

Histórico

A oficina de Jornalismo é um curso direcionado a alunos de 8º ano do Ensino Fundamental à 2ª série do Ensino Médio. O projeto existe desde o início de 2008, e se baseia em uma experiência realizada com um grupo de alunos em outubro de 2007, no Dante Digital, feira promovida pelo departamento de Tecnologia Educacional do Colégio que envolve toda a comunidade escolar. Nesse evento, em que alunos desde a educação infantil até a 3ª série do Ensino Médio apresentam seus trabalhos utilizando a tecnologia, um grupo de estudantes produziu, por vários anos consecutivos, de um estande com computadores, um jornal com notícias a respeito do que acontecia na feira. Pouco antes de ela terminar, o grupo imprimia e distribuía os exemplares aos visitantes. A turma possuía também, já em 2007, classmates PC, computadores portáteis conectados a uma rede wireless, podendo levá-los aos ambientes do Colégio. Eram todos orientados por professores de Tecnologia Educacional (incluindo uma das autoras deste trabalho, Renata Guimarães Pastore) e por uma professora de Língua Portuguesa.

Na edição de 2007 do Dante Digital, uma jornalista do departamento de Comunicação do Colégio (Marcella Chartier) fez parte do processo, orientando os alunos em dois encontros que precederam o evento (no arquivo ANEXO 1, a apostila inicial utilizada pelo grupo), e, posteriormente, na própria ocasião, incentivando-os a utilizar técnicas jornalísticas para desenvolver os textos do jornal e a realizar entrevistas e pesquisas para constituí-los.

A experiência fez com que alguns alunos do grupo que participou dessa atividade solicitassem aos professores que se promovesse um projeto contínuo, no qual eles pudessem produzir um veículo de comunicação próprio. Os departamentos de Tecnologia Educacional, Língua Portuguesa e Comunicação elaboraram, enfim, um projeto, e os encontros começaram em março de 2008.

Em encontros semanais de duas horas de duração, a turma, inicialmente formada por nove alunos, passou a obter conhecimentos mais detalhados acerca do funcionamento da imprensa, além de conhecer algumas teorias da comunicação, de debater temas sugeridos por eles, pela professora (de Tecnologia Educacional) ou pela jornalista, e de começar a produzir seu próprio conteúdo. Os ANEXOS 2 e 3 indicam, respectivamente, a ocasião da entrevista da equipe com o escritor Mia Couto e com os estudantes de Audiovisual, Quico Meirelles, e Cinema, Pedro Morelli (ambos participantes da direção e da figuração do filme 'Ensaio sobre a Cegueira', de Fernando Meirelles).

O formato dos encontros, para proporcionar uma dinâmica condizente com as atividades realizadas, é informal, desde o início: a turma se senta à volta de uma mesa redonda e são ferramentas de trabalho não apenas os computadores, mas livros, revistas, jornais, dicionários e um conteúdo digital (fotos, vídeos etc.) produzido por eles mesmos ou por profissionais. Foi criada uma lista de e-mails em que a comunicação no período extra-aula é intensa, além de um espaço no moodle, ambiente de ensino-aprendizagem à distância, em que estão registradas atividades dos integrantes da oficina e no qual são feitas a exposição e a troca de arquivos, a indicação de conteúdo extra e a disponibilização do próprio material dos encontros, para que possam ser realizadas consultas.

Além de analisar o material produzido pela imprensa, o grupo passou a elaborar seu próprio veículo, a revista *Foco*. Os alunos foram responsáveis por toda a

criação da revista (nome, seções, linha editorial, tamanho etc.), sendo apenas mediados e orientados pela professora e pela jornalista. Após seis meses de preparação do primeiro número, que envolveu não apenas pesquisas, mas trabalho de campo, em que todos os alunos realizaram entrevistas (concomitantemente a um programa de aulas e outras atividades realizadas no encontro presencial), a edição foi impressa e distribuída. Também foi preparada uma versão digital (<http://www.homedante.com.br/auxiliar/SitePedagogico/revistafoco/>) e duas edições especiais: boletins com notícias e reportagens sobre a Feira do Livro e a Feira de Ciências do Colégio.

Hoje, estamos finalizando o terceiro número, com novo projeto gráfico, orientado por mais uma professora do departamento de Tecnologia Educacional (Verônica Cannatá). A tiragem e a equipe cresceram e mais alunos serão convidados a participar neste segundo semestre de 2009.

Além da revista *Foco*, o grupo de novos repórteres passou a integrar, também, o projeto Dante Catraca. Trata-se de uma parceria firmada entre o Colégio e o site Catraca Livre (www.catracalivre.com.br), com o apoio do Instituto Claro e do Faça Parte. O Catraca Livre é um site que indica atrações culturais gratuitas na cidade de São Paulo, e os alunos da Oficina de Jornalismo (juntamente com a turma da Oficina de Cinema que temos na Escola) tornaram-se representantes dessa iniciativa. A missão da equipe é indicar atrações culturais gratuitas ou custando até 5 reais pela região da Avenida Paulista, por meio de um blog (<http://dante.catraca.blogdante.com.br/>) e de um twitter (www.twitter.com/dantecatraca). Como segunda etapa do projeto - já colocada em prática -, os membros do Dante Catraca também passam a trazer estudantes de outras regiões da cidade para frequentar as opções culturais da avenida Paulista (em uma primeira iniciativa, consolidada em junho de 2009, cerca de 160 alunos de uma escola municipal da Vila Mariana estiveram no Colégio para assistir à apresentação do grupo de Teatro do Dante).

Também no primeiro semestre deste ano, os alunos da oficina passaram a colaborar com notícias para o site institucional do Colégio (<http://www.colegiodante.com.br/noticias/noticias.php?id=314&pag=2>), fazendo a cobertura de eventos internos.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Elizabeth. **As teorias principais da andragogia e heutagogia**. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo, SP: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 105-111
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.
- BURD, Leo. **Technological Initiatives for Social Empowerment:**

Design Experiments in Technology-Supported Youth Participation and Local Civic Engagement. <http://web.media.mit.edu/~leob/thesis/> acessado em 03/07/2008

- CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo, Paulus, 1999 - (Pedagogia e Educação).
- FARIA, Maria Alice e ZANCHETTA JR, Juvenal. **Para Ler e Fazer o Jornal na Sala de Aula**. São Paulo, Contexto, 2007.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30^a. Edição. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- HERR, Nicole. **100 Fichas Práticas para Explorar o Jornal na Sala de Aula**. Belo Horizonte, Dimensão, 1997.
- HERR, Nicole. **Aprendendo a Ler com o Jornal**. Belo Horizonte, Dimensão, 1997.
- KRAUSZ, Mônica. **Fazendo revista na escola. Série: dicas e Informações**. Belo Horizonte, FORMATO, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Sobre Educação, seus procedimentos e metodologias**. <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,231,254> acessado em 10/08/2009
- SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática. As Conseqüências Sociais da Segunda Revolução Industrial**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista - Brasiliense, 1995.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 2003

Oficina de Jornalismo – Dante Digital 2007

4 etapas: pré-apuração, apuração, redação e edição.

Pré-apuração

É uma pesquisa na qual, além de aprender superficialmente sobre o tema da reportagem, vamos descobrir onde e com quem conseguir as informações de que precisamos.

Desde o início, é essencial lembrar que **as fontes (bases de leitura e pessoas entrevistadas) devem ser confiáveis.**

Exemplo: se eu tenho que fazer uma entrevista com um escritor famoso, na hora de pesquisar não posso confiar em qualquer informação que eu consigo na internet (nem mesmo de outros jornais ou revistas conceituados). **Eu devo buscar a minha informação num site oficial, por exemplo. O Google ajuda apenas se você souber filtrar os dados que ele te aponta.**

Apuração

Agora que sabemos do assunto, é hora de nos aprofundarmos na pesquisa do tema e de partirmos para as entrevistas. Não existe reportagem sem declarações de pessoas. É isso, principalmente, que faz dela uma peça jornalística e não um estudo ou uma redação de escola.

Antes das entrevistas, devemos saber bastante sobre o entrevistado. **Não podemos perguntar a um escritor, por exemplo, qual o nome de seu último livro.** Preparamos as perguntas e, na hora de entrevistar uma fonte, é importante prestar muita atenção ao que ela responde. Muitas vezes, é dessas respostas que saem mais perguntas. Aliás, não devemos nunca ter vergonha de perguntar. É melhor esclarecer as dúvidas antes de cometer o erro de publicar bobagens.

Redação

O texto deve ser claro, simples, conciso e ir direto ao ponto. Não é numa reportagem que vamos mostrar erudição. **Menos é mais.**

Antes de escrever, é legal organizar os pensamentos, jogando no papel as idéias centrais da reportagem, como se elas formassem uma **espinha de peixe**. Depois, é só relacioná-las.

Hora de escrever: qual a informação principal do que você apurou?

Lead – é como chamamos a primeira parte do texto. Nele, esclarecemos as primeiras dúvidas que o leitor tem quando olha o título.

Exemplo:

Escritora Doris Lessing ganha o Nobel de Literatura

da **Folha Online** 11/10/07

A escritora Doris Lessing, 87, ganhou o Nobel de Literatura 2007. O anúncio foi feito pela Academia Sueca às 8h (horário de Brasília) desta quinta-feira (11).

Nascida na Pérsia em um território que hoje é o Irã, Doris viveu mais de 20 anos no Zimbábue e se radicou na Inglaterra. Nas palavras da Academia Sueca, a autora receberá o prêmio por transmitir a "experiência épica feminina", que descreveu "com ceticismo, paixão e força visionária" a divisão da civilização.

(...) (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u335711.shtml>)

A idéia é começar um texto respondendo às perguntas: **Quem? O que? Quando? Onde? Por quê?**

Quem? *Doris Lessing*

O que? *ganhou o Nobel de Literatura 2007*

Quando? *8h (horário de Brasília) desta quinta-feira (11)*

Dependendo do que vamos reportar, não é necessário responder, no lead, a todas as perguntas. Vale, em cada caso, o nosso bom senso.

O primeiro parágrafo de uma matéria deve, também, ser atraente. Ele precisa conquistar o leitor e fazê-lo seguir até o final.

Elementos componentes da reportagem:

Título – deve ser curto, simples e dar a idéia principal da reportagem. Exemplo:

Sucesso nas festas de encerramento da X Olimpíada Interna

Linha fina – explica em mais duas linhas um pouco mais sobre o tema antes do lead. A linha fina só entra em matérias médias ou grandes, não é necessária em notinhas. Exemplo: *Com arquibancadas lotadas, as competições terminaram em grande estilo: muita música, cores e fogos de artifício*

Legenda – vai além de identificar os personagens que estão nas fotos ou simplesmente narrar o que o leitor já está vendo. O mais importante é colocar a declaração de alguém ou alguma informação. O leitor sempre olha primeiro as fotos e, se ele obtém alguma informação na legenda, é atraído para ler a reportagem. Exemplo:

Karime Xavier/Folha Imagem



[Polenta combina com quase todos os tipos de recheio; a frita vai bem coberta de queijo ralado](#)

[\(http://www1.folha.uol.com.br/folha/comida/\)](http://www1.folha.uol.com.br/folha/comida/)

Edição

A edição serve para melhorar o texto, lapidá-lo. Geralmente, a última edição deve ser feita pelo editor, não pelo repórter que escreveu a matéria. O editor tem um distanciamento do texto, o que ajuda a torná-lo melhor. Além disso, a edição serve para aumentar ou reduzir uma reportagem para que ela se encaixe perfeitamente no espaço reservado a ela na publicação.

